O Mar é um Lençol de Seda

I

Cantharus assidue gestatus perdidit ansam

Tanto vai o pote à bica, que um dia lá se fica

Lembro-me que era um *fiozinho* de água fresca que jorrava da bica da fonte dos milagres quando ela me falou sobre “*o caso*”. Ela, muito tranquila, falava sem pressa, como a água *vinha como quem vem vindo*, descendo o Vale de Machico, desde a Nascente das Fontes Vermelhas, na Serra das Funduras. Aos poucos, o que ela contava era como aquela água cristalina que se deixava aninhar na forma arredondada de cada um dos nossos cântaros de barro. E ficamos ali, não sei quanto tempo, como duas faces da mesma moeda. O púcaro que já tinha enchido varias vezes, continuava assente sobre as duas pedras do calhau, no poço da fonte, construído em pedra de cantaria. Recordo-me de olhar que, nas paredes do muro da fonte, a-meias com a muralha da ribeira, crescia uma penugem esverdeada de musgos, e aqui e ali, cresciam fetos e ensaiões.

Ali, naquela bocana de Machico, no terreiro do Desembarcadouro e Largo dos Milagres, uma e outra vez, o vento mareiro, brincava com a água, fazendo-a resvalar da boca estreita da vasilha, para a libertar, novamente, da ribeira para o mar.

Naquele ano, junto à fonte, éramos duas jovens raparigas, despreocupadas e que gostavam de conversar. A Gisella tinha chegado recentemente do Brasil e veio, como disse, para conhecer a Madeira. E eu, ...bem, eu era a Carolina. A filha da D. Rosa, do beco... Estávamos ambas na casa dos vinte anos e as nossas gargalhadas eram cúmplices, mas era o tom da conversa que denunciava o sotaque carioca que ecoava, como uma melodia, nos vários cantos do Largo dos Milagres. Era ali que nos abrigávamos para conversar e de costas para o vento, porque ao final da tarde, o vento soprava do mar. Ali estavam as duas amigas, desfiando segredos e aventuras que apenas nós e as pedras conheciam. Um dia, tinha ela chegado e no fio da conversa, a carioca ficou a olhar para o lado do calhau, em direcção ao mar, num rasto de saudade de casa. E foi aí que eu, voltada para terra, fiquei seguindo um grupo de pescadores, animados e a falar em voz alta. Um deles voltou-se para nos. Denunciada pelo olhar, estremei quando o vi... Alto, corpulento, atlético. Atrás dele vinha um rafeiro, preto, airoso, com uma mancha branca apenas no olho esquerdo. Todos sabiam que era o cachorro do arrais António. Antes de entrar na tasca do chenica, um olhar do dono e o dedo em riste ordenou ao

ção para esperar na rua. O petisca obedecia e deitava-se na calçada a abanar a cauda e ficava ali a ladrar para quem passava. Foi depois daquele olhar que tudo começou...

- Você está interessada em algum deles? - perguntou a brasileira, notando o olhar tímido, mas denunciador da amiga. – Ai aquele homem, respondi, por entre medos e um sorriso angelical. E as minhas mãos fecharam-se e a minha cabeça rodopiou para soltar os meus cabelos castanhos, soltos e compridos. Giselle sorriu e num gesto de aprovação, ambas bateram com a palma da mão, produzindo no ar, um estalido seco.

À porta da tasca do Chenica, de lá para a fonte, as duas raparigas eram o alvo dos olhares dos homens do arrais António, mas particularmente a brasileira. Um xaile, colorido, verde e enramado de azul, descaído dos ombros, deixava adivinhar o corpo moreno da estrangeira. Da Carolina não se falava. Pelo menos naquele grupo. Também não se falava da rapariga quando estavam todos perto do arrais. Mas à boca-calada falava-se.

- Quem é? Perguntou a moça tropical. Se alguém sabe,-e lembro-me de olhar a toda à volta, - matam-me, respondi na altura... esta *machiqueira*. E quando antevi mais perguntas para as quais não tinha resposta, disse, vamos embora.

E aninhando o púcaro no quadril, as duas amigas começaram a atravessar o Largo dos Milagres. As duas mulheres, com o movimento de ancas, as mangas da camisola arregaçadas e o braço nu, à volta do púcaro, formavam um conjunto voluptuoso de sedução e desejo.

- Eles estão todos a olhar para ti, disse entre dentes a Carolina. - Como você sabe que é para mim, perguntou também entre dentes a brasileira. - Eu sei, respondeu!

O piso irregular e o movimento bamboleante das raparigas fazia a água do púcaro salpicar, deixando por entre as pedras cinzentas da calçada, como que o desenho de um mapa do tesouro. Olhando fixamente naquela direcção, era como se os homens tentassem fixar o rasto da carioca através do Largo dos Milagres.

Quando passavam mesmo em frente ao grupo, elas sentiram os olhares dos pescadores e perceberam que a conversa tinha baixado de tom. As gargalhadas e os palavrões pareceram de repente, perder vigor. O rumor do que estavam a dizer só voltou depois de despontarem no fim da rua da Banda D'Além. Entretidos à porta do Chenica, os homens continuaram a gracejar e a disparatar.

Era o mês de Maio, e ninguém parecia dar importância aos últimos raios daquele sol tardio que se espriavam pela montanha abaixo, desde o Sítio do Piquinho até 'a vila e ao Largo. A luz amarela trespassava por entre ramos e folhas das frondosas *ficus da Índia*. O chilrear dos bandos de pardais era ensurdecedor embora passasse despercebido. Há muito tempo que a bicharada fazia parte dos sons que animavam o Largo. Também os autocarros, pintados de

verde e com uma risca lateral creme, deixavam o motor roncar constantemente naquele cais de embarque. Ao movimento de entrada e saída de passageiros as portas em folie batiam estridentemente. Oh, como me lembro de quando os passageiros pediam ao bilheteiro, em voz alta que viesse à caixa. Dentro e fora do autocarro, às vezes as pessoas riam de algum som mais típico chamando pelo *bilheteiro*. Um deles era o *Manel* que trazia uma bolsa de cabedal a tira-colo, onde guardava o dinheiro e um bloco compactado de bilhetes de vaarias cores... Às vezes, quando o autocarro já vinha atrasado, ou estava chuva, ele já não queria descer para abrir, na lateral, o compartimento de carga. Era preciso uma briga e resmungar e ameaçar que ia fazer queixa dele na companhia da SAM. Mas era tanta gente e de todo o lado. De todas as freguesias, as pessoas vinham atafulhadas de mercadoria. Sacos e carga para transportar para o Funchal ou para o Porto da Cruz, o Santo da Serra ou Água de Pena. Quando não cabia mais, tinham de alugar uma das furgonetas que também estavam disponíveis na praça. Havia sempre tanta gente a circular de um lado para o outro. Sabia-se, espalhando a vista, como as mulheres do Santo da Serra eram as herdeiras da pele muito clara e das faces rosáceas que os ingleses tinham deixado a partir da fonte dos ingleses, no Santo da Serra. As do Porto da Cruz eram mais baixas e cheiinhas. Trajavam saia ou vestido escuro e antevendo o frio, vinham sempre com um casaco de lã, de cor preta, verde ou azul-escuro. As botas de meia-cana, estreitando a barriga da perna, completavam o traço dos *Ruinga* largados nas encostas do Faial. Já do Caniçal, onde os genes saharianos produziam corpos esguios e de tez macilenta, à saia escura, sobrepunha-se um casaco verde-garrafa ou azul anil, de lã. Na cabeça, um grande lenço, preto, com um nó debaixo do queixo, mostrava que a terra era solarenga. Os homens, quase sempre de casaco e chapéu preto e sapatos mandados fazer no sapateiro, seguiam atraas das mulheres, estas, mais expeditas nestas coisas de vir ‘a vila.

E havia sempre cães a ladrar. Ou porque esperavam pelos donos, ou porque ladravam para tantos estranhos. Outros nem dono nem coleira de arame tinham. Nem dono que os chamasse! Pretos. Brancos ou malhados. Rafeiros, mas fiéis!

Principalmente ao final de semana as pessoas vinham fazer as compras de mercearia. As mais populares eram a venda do Carteira ou a do Salsa e saíam com um caixote de papelão à cabeça ou às costas. Outros, era mesmo num saco de sarapilheira em cada mão. E ‘as vezes com dificuldade por causa dos degraus, ‘a entrada. E a loja de fazendas do senhor Maia tinha a soleira muito elevada, e tantas foram as queixas e quedas que foi colocado um degrau de madeira, como que avisando que era melhor prevenir do que remediar. Mas aquilo lembrava assim, que junto ao Senhor dos Milagres, havia sempre enxurradas. A casa dos tecidos do senhor Maia tinha pouco movimento, se comparado com as mercearias do Chenica, do

Carteira ou do Salsa, mas tinha sempre mulheres que procuravam *negalhos* de linhas para o bordado. ‘As vezes era uma dificuldade encontrar a mesma cor. O branco nunca era o mesmo branco, e o azul anil, nunca batia certo com o anil anterior. E a linha crua, era mais ou menos castanho dourado... As pessoas também procuravam ou um outro tecido novo. Também havia homens que entravam para comprar um guarda-chuva. A bengala tanto servia para acautelar as chuvas que viriam daí a nada, como para amparar o inverno da velhice. Antes das festas, era um entra-e-sai de gente, com panos lisos ou enramados para mandar fazer um vestido ou uma blusa nova. E já que ficava mesmo ao lado, as pessoas também entravam na capela, esperançados em que uma prece e uma vela resultassem num milagre. Saúde para os *males que davam*. Naquela altura havia muitas unhas encravadas, a gangrena, a trombose, o sarampo e ‘as vezes dava uma *coisinha má* que não passava com *curar de aberto* nem com uma ventosa. Havia mulheres pobres que também pediam as melhoras para o marido que tinha de tratar da fazenda e se queixava dos ossos. Também havia jovens a pedir que os noivos, que foram para a guerra, regressem com saúde e a tempo de casar. Aquela carta de chamada para quem foi para o Brasil ou para o Cabo e parece esquecido de quem ficou à espera. Também pediam sorte para os pescadores. No fundo não havia promessa que uma moeda não acendesse uma velinha...E embora o Senhor fosse dos Milagres, havia quem achasse que mal não faria se se apelasse aos santinhos e às Almas do Purgatório. Podia ser que um ou outro deitasse uma mão e acudisse na hora aflita.

Era assim o movimento de mulheres a atravessar a Banda d’Além. Mas estas mulheres não faziam ninguém desviar o olhar ou baixar a conversa, mas o longo e volumoso cabelo de caracóis ondulados, soltos ao vento e ao sol da brasileira libertava um perfume inebriante que extasiava as mulheres e embevecia os homens. Lá vem a brasileira, diziam em voz baixa! E voltavam-se, os que tinham o sangue mais quente, despertos por algo novo e diferente na baixa da Banda d’Alem.

- Linda, a rapariga, diziam entre dentes! - A rapariga é mesmo bonita! E cada pescador ia deixando a sua apreciação particular, conforme o rumo da conversa.

O cabeça suspirava de cada vez que a via e jurava que um dia havia de casar com aquela mulher.... O cambado, meneando o tronco e enchendo de ar o peito arfado, fazia conchinha com uma das mãos e assobiava em direcção à brasileira. O piolho, -olhar, até olhava, -mas não se metia em caminhos desconhecidos. Era baixote, mas sabia ler como ninguém e fazia contas de cabeça mais rapidamente que toda a gente. Era por isso o ajudante do arrais na contabilidade do barco. Ai a sereia, dizia o Zé Manel, sempre que era preciso apelar aos galões, já que era o melhor a mergulhar e o mais rápido a nadar. Olhando de lado, e

arreganhando os dentes, indagava sobre se mais depressa nadaria da Madeira às Desertas, do que dali para os braços da donzela. - Que fêmea, salivava o berruga. Esta mulher é mesmo uma brasa. Incendeia isto tudo num instante. E ironizava tudo com um sotaque carregado, importado do Porto, aprendido com um sargento durante a formação, nos seis meses que esteve na tropa. Aliás, só não foi para a Guerra do Ultramar porque tinha perdido parte do dedo indicador num acidente com um aparelho de pesca. Uma carta do doutor Afonso indicando problemas musculares no pulso e antebraço fê-lo regressar às lides do mar. O boga era entroncado e cheio de confiança balofa. Não o quiseram muito tempo na tropa, depois de passar pela recruta e pelo calabouço da Polícia Militar. Disseram-lhe que não tinha as telhas todas corridas e depois mandaram-no para casa.

- “Vai chatear o camões”, foi a última coisa que escutou na porta d’armas do quartel... Quando regressou a casa, a mãe disse-lhe que arranjasse uma mulher para casar. Depois disso, andou de porta em porta a pedir-a-mão de várias raparigas, ganhando a alcunha de *beija-mão*. Um dia, por pouco, não levou uma bofetada da brasileira, que, sem mais demoras, fez queixa ao arrais António de que os seus homens eram rudes e não tinham maneiras. A coisa acalmou depois de uma conversa no convés do barco e da ameaça de não embarcarem na próxima campanha. Mas embora mais contido, não resistia, porém, à sua passagem. Chamava-lhe *Bella! Bella*, imitando o sotaque italiano dos filmes de Sofia Loren, que o faziam delirar. E por entre dentes, fazia de conta que olhava para o lado contrário, e soprava um sibilino “*uiiii, que vou morrer*”. - Bem podes morrer, disse o berruga! Já não há rapariga que te queira para casar... Nenhuma mulher te serve e muito menos a brasileira... Aliás, ela nem te queria para limpar os sapatos, mesmo que tivessem passado em cima da bosta das vacas...

- *Tá calado mas é..* Respondia ameaçadoramente, sem medo de entrar numa pancadaria. - Mais-a-mais, é muito peixe p’a tua canoa... Atirou o cambado, que tinha ficado coxo, depois de um ataque de poliomielite, mal disfarçando um sorriso no canto da boca.

- Ah...cambado do... *sessenta e nove...* e o tom irritado sentenciou o final das apreciações qualitativas da boga e das suas conquistas...

- Esquece, disse por fim. Vais pagar um *venhinhe*? - Anda! Ah *mest’e José*, deite dois *vinhes*. - Já vai, respondeu o taberneiro, sem desviar o olhar do papel pardo, enquanto tirava a prova dos nove à conta que estava a entregar ao arrais.

- *Cinco e quatro, noves-fora-nada. Três e sete, dez, noves-fora um...* Arrais António, cá está. E estendeu o papel rabiscado com várias colunas de números, datas e nomes. Uma operação de noves-fora-nada certificava como correcta a conta de somar.

-Tem aí dez contos de *Reis*, mest'e José. E colocando o dinheiro no balcão, nem reparou numa poça de vinho que ensopou as notas.

-Pague-se, diz o arrais, pousando no balcão de tábuas, ainda manchadas, várias notas de cinquenta Escudos, de cem e uma mais rara, de quinhentos Escudos. Meio amarrotadas, um pouco sujas de terra, umas e outras ainda vinham com vestígios de sangue dos atuns e gaiados vendidos em cima do cais, à chegada do barco, a meio da tarde. -As boas contas fazem os bons amigos, rematou o mest' chenica. E com um gesto de satisfação dobrou e guardou as notas no bolso da camisa desfraldada. - Deite uma rodada!

No Largo dos Milagres, as Figueiras da Índia parecem estar ali mesmo antes da chegada do Tristão e do Zarco. As raízes são tão grossas que levantavam as pedras e faziam lombas na calçada. Cada árvore impõe-se, ensombrando com longos e poderosos ramos, a própria Capela dos Milagres e o casario baixo em redor. Os ramos frondosos e verdes intensos contrastavam com o branco das casas caiadas, algumas de duas águas e que permaneciam encostadas como se a cada Inverno receassem outra aluvião como a de 1820 que destruiu a capela, arrastou o Senhor para o mar e levou também ossadas inteiras do cemitério da Rua do Leiria. Um ou outro tronco servia de banco aos pescadores que jogavam às cartas e aos *milhinhos* e gabando o heroísmo dos barcos e as capturas de peixe... Naquele mês de Maio as tardes de sol foram longas e convidavam a espaiar-se. - O nosso porão vinha sempre cheio de atum, dizia um, batendo num bocado de tábua um ás-de-copas... Mas vê-se logo que não pagaram o quinhão de S. Pedro, ironizou outro, apanhando todas as cartas da jogada, dispostas sobre o tabuado...

Mais além na porta do Chenica, a *companha* ia passando em revista os últimos acontecimentos da Band'Além, conforme constatavam o entra-e-sai, ora na mercearia do Carteira, na venda do próprio Chenica ou mais além, na barraca do Bodes.

A pouca distância passa Maria do Rosário, mulher do Mané, com uma criança ao colo e outra atrás a correr. Mãe e filho vinham descalços. A criança, rechonchuda, lourinha, vestia apenas uma camisola de malha, esticada, suja e esburacada.

– Olha, ouvi dizer que o Mané vai embarcar para o Brasil. Vai deixar a mulher e os filhos na Madeira, diz o Cabeça. - Só se for assim que ele não faça mais canalha, atira o piolho, olhando de soslaio para o movimento de ancas da Rosário.

- O que é que tens a ver com isso? O rapaz é boa pessoa e não anda aqui a falar da vida de ninguém, responde o Zé Manel.

-Se calhar eu também devia ir, reflecte o Cabeça... *Aqui ã se ganha p'a viver. O pexinho que dá é p'a pão e massa... 'inda ã sei se ão vou um dia p'ra fora...* já ando nisto da pesca há meia dúzia d'anos p'a nada... o meu barco ã sai da babujinha...

Um pouco mais afastada da porta do Chenica e da coscuvilhice, - que sentia recair sobre si - a brasileira levava um cântaro ao quadril e outro na mão. E mesmo sem querer, deixava transbordar água. De quando-em-quando, alguém apregoava, *atummm, atummm fresco, atummm acabado de pescar!* Todas as atenções se viravam para a origem do som. Era uma furgoneta que vinha vender o peixe da tarde.

- Ouvei dizer que vai no vapor do Cabo, afiança o Boga. - O *d'igraçado* anda por aí a ver quem lhe empresta um dinheirinho para a viagem. Esta semana andou em casa da minha sogra... E ela ão lhe emprestou, confirmou o boga.

- Eu cá sei o qu' é qu' aconteceu... - O qu' é que tu sabes, ah minha burra? - perguntou o boga achando-se desconsiderado. Afinal ele era genro e o berruga era apenas um primo.

- O que tu ão sabes, disse o berruga em tom desafiador, é que ela foi deitar umas cartas e saiu o Ás de Espadas... *Uma carta agoirenta...* A velha viu logo o dinheirinho dela correr pela ribeira abaixo, disse o berruga soltando uma escangalhada gargalhada...

-A bruxa ... todas as semanas... Deixou escapar entre-dentes o piolho. Ainda ão tinha terminado a frase, quando uma sonora palmada nas costas deixava um aviso...

- Bruxa é a tua mãe que anda no calhau metida com este e com aquele, vociferou o Boga, já com a conversa descontrolada... Voltou-se o piolho e com os olhos arregalados, de baixo para cima, e com o dedo em riste, para o companheiro de pesca, atirou, - *Nãããã* foi a minha, - a m-i-n-h-a! - que foi apanhada no curral, abaixo do Pico mais o tio e o primo de quem 'tá aqui...

Com espalhafato, e circundando o braço para o grupo, foi imediatamente surpreendido, pelas costas, com outra dolorosa palmada. O Piolho tinha desafiado, ao mesmo tempo, a sorte e um acordo de silêncio. - *Filh' da puta!* Qual foi o filh' da puta que me deu um soco, disse enlouquecido, voltando-se para cada um deles com os olhos ainda mais revirados...

Nenhum se acusou. Calaram-se todos. Encostado à porta da venda, um velhote que apreciava tudo, disse, - 'Tá com o diabo no coiro...

- Xiiiça, onde é que isto já vai, diz o Cabeça. E passando pelo meio dos colegas foi direito ao fundo da venda. M'este José, deite-me um copo de *vinhe* q'eu vou mas é bazar daqui... Logo foi seguido pelo Cambado, o Berruga e o Boga. - *Nã* pagas nada? O Piolho deixou-se ficar na rua, sabendo de antemão que a alcunha e a natureza que o havia brindado com uma baixa estatura eram mais madrasta que mãe...

A um canto da venda, de pé, junto a um barril empinado que serve de mesa, o arrais António fazia contas da campanha do gaiado e do atum...

- O mest'e José já viu que sete ou oito famílias dependem do que o mar dá e do trabalho deste barco? Ai a minha vida ... Oh mest'e José!... Agora tenho a mercearia para pagar, os miúdos na escola, a mulher sempre doente, os sogros acamados, a conta do gasóleo do barco por pagar... Ai a minha vida.

- Se o mar deu, o mar vai dar. Não se preocupe, disse para o Arrais que, alheio a tudo, se perdia esquadrinhando cada parcela das contas. Para o arrais toda a operação se resumia a diminuir, dividir e voltar a somar, na tentativa dos cifrões se multiplicarem. – Nada. Os problemas pareciam ter vontade própria aparecendo à sua volta como peixe miúdo na rede. Por mais que tentasse, o resultado pendia para o negativo.

-Ruama, só ruama. Peixe miúdo, pensou sem nada dizer. Levantando a cabeça, deu de frente para um crucifixo pendurado na parede. Bem olhava para Cristo, mas pensou no Homem e só conseguia imagina-Lo no Céu, atarefado a disputar almas, com S. Pedro, *O pescador*, como Contramestre. E quando olhou para Cristo, novamente, não deixou de insinuar um sorriso. Mas recordou as histórias da catequese e lembrou daquela vez que S. Pedro foi pescar, e não tendo pescado nada, toda a noite, lhe apareceu o Mestre e lhe ordenou que deitasse as redes para o outro lado do barco... Homem experiente naquelas lides, o pescador ainda resistiu ao Senhor. Mas por pouco tempo. E quando os seus olhares se cruzaram, seguiu o conselho do Mestre. E veio tanto peixe que as redes se romperam... “Senhor, lembra-te de mim”, pensou o arrais. Ao lado estava uma Senhora de Fátima. Olhando-a, reconheceu que a imagem, de tanto mudar com o tempo, agora já só prometia chuva. Estava sempre cinzenta. E o dia ainda irradiava um sol esplendoroso. Pobre Senhora, pensou... E fez promessas. Vou trazer uma Senhora nova que prometa sol e bom tempo aos pescadores. E vou levar uma vela na Procissão do Senhor dos Milagres.

Agora mais calmo, e sem tirar os olhos do caderno, o lápis na mão direita, levou inconscientemente a mão esquerda a afagar a perna. Uma recorrente dor no joelho, fruto de uma queda no barco do pai quando tinha doze anos, em Angola, lembrava-lhe que já muito mar tinha navegado, embora pressentisse que a Índia ainda estava longe e o Brasil já não era nosso. O que lhe valia era saber que pelo menos já tinha chegado à Madeira... Mas um trejeito involuntário no lábio fazia-o pressentir que também isto era sol de pouca-dura. Trabalho a mais, cobres a menos, pensou, sentindo o peso do lápis e do papel na mão. Estava preocupado.

Fixado nos papéis, e sem levantar a cabeça, fez um gesto com a ponta do lápis, indicando ao mest'ê Chenica, atrás do balcão, que deitasse uma bebida aos rapazes... Ao lado das pipas, uma panela fumegante libertava um cheiro intenso de refugado. Os homens salivavam ao adivinhar o dentinho de dobrada de atum com semilhas. Tudo empestado de pimenta piri-piri africana...

- Mest'ê José, o dentinho já 'tá cozido... O cheiro já chega à lota. Isso deve 'tar mesmo da ponta da orelha... Encostados ao balcão, o Cabeça, o Boga, o Cambado e o Berruga bebericavam o vinho enquanto esperavam, esfomeados, pelo dentinho. O Piolho permanecia na rua, com um pé sobre a soleira da venda. Por fim, o mest'ê Chenica, pousou, fumegante, no balcão salpicado de vinho e copos vazios, um pratinho com molho, salsa picada, semilhas aos cubinhos e bucho de atum cortado em bocadinhos. A carne do estômago do atum era um verdadeiro petisco. – Olha'dobradinha de atum, gritava a plenos pulmões, enquanto pousava no balcão, um pratinho fumegante.

- Mest'ê José deite mais um vinhinho aos homens, ordenou o arrais, sentindo nas pupilas o cheiro apelativo de comida acabada de fazer. – E um copo para mim... Se não dá para as contas, vai dar para matar a fome e a sede!. E arrumando os papéis numa bolsa, levantou-se e juntou-se aos seus homens. Ainda havia muita luz no exterior da venda.

– Ah piolho, que'ê que fazes na rua? Andas a contar os pardais, ou quê?

-Atumzinho... Olha o atumzinho acabado de sair do lume... diz com a voz pesada e um pouco rouco o mest'ê Chenica. – Atum *nã* tem nada, tem barriga. - Come e cala-te, disse para o piolho, já a fazer-se ao balcão...

- Epah... o atum 'tá vivo, mest'ê José... disseram em coro quando o taberneiro, pouco dado a cortesias, voltou a colocar, sem nenhuma solenidade gastronômica, uma das semelhinhas que havia escorregado do prato que transbordava. Esfomeados, os homens aproximam-se do balcão. Um palitinho a cada e é um ver-quem-chega- primeiro ao pitêu. - *Mest'ê José, olhe qu'isto 'tá me'me bom!* Iam assim gabando à vez as capacidades culinárias do mest'ê José.

- Eu já sei que vocês 'tão é com fome, replicou para os clientes, mas se não fosse este homem, - apontando o dedo indicativo para o arrais,- não havia conduto p'o vinho! Inclinando a cabeça, o arrais gracejou: a bebida são eles que pagam, que a gente *nã*' sustenta esta malandragem..., não é mest'ê José? – replicou, agora mais bem-disposto o arrais, provocando os seus homens.

- Quem se acusa? Perguntou, dando uma forte palmada no tampo do balcão. Olhou em redor e os homens riram-se, percebendo que desta vez tinham de pagar, cada um a sua rodada. Nisto olharam para a rua e fez-se silêncio na venda. - Padrinho, chamou uma voz feminina

desde a porta. O arrais reconheceu o timbre aveludado e antes que tivesse tempo de sentir o calafrio que se atravessava na espinha dorsal, olhou na direção da porta.

- Queria falar consigo, continuou a meia voz a jovem mulher. O arrais olhou fixamente para o lado da rua e estremeceu. Ofuscado pela diferença entre o sol da rua e a pouca luz que o baixo edifício e as árvores deixavam passar, o padrinho não pôde ver o rosto carregado da afilhada. Numa fracção de tempo o chão pareceu abrir-se e o arrais António sentiu que os seus pés, de repente, tinham deixado de lhe obedecer. Bem quis sair dali, mas não havia para onde nem como. Conseguiu escutar vozes que se recriminavam vindas do piso superior da casa, ao passar através do soalho de madeira. Pareciam estar a acusar alguém, e ele ouvia alguém dizer “foste tu, foste tu”...

Os homens já tinham voltado à conversa. Tudo rodopiava e ele não conseguia discernir o que se passava ali. – Alguém perguntou ao arrais qualquer coisa... Lembrou-se mais tarde do badalo do sino da capela que indicava hora de finados. Recordou-se que pelo canto do olho percebeu uma sotaina preta avançando e escutou uns sapatos de sola seca retenirem na calçada. O silêncio sepulcral ensurdecia-lhe os ouvidos. Os melros, em debandada, esvoaçavam das árvores do Largo. Sentiu falta de ar, engoliu em seco e o nó do pescoço deu um salto. Sem dizer palavra engoliu em seco...

Pouco mais tinham passado que três meses.

II

Torna viagem

Está tudo bem? Bom dia! Disse uma voz doce e melodiosa atrás de uma secretária.

- O que o traz por aqui Arrais António?

- Bom dia! Pode dizer ao Senhor morgado que desejo falar com ele? -Claro que sim, António. Vou perguntar se ele está disponível... Pode sentar, por favor, deixando ver o movimento dos cabelos encaracolados caindo sobre as costas do corpo esguio.

Esta brasileira está cada vez mais bonita, pensou o arrais António antes de passar ao escritório do morgado Teixeira de Vasconcellos. - António! Disse em voz alta. - Entra, António! Esta porta para ti está sempre aberta! Atravessando a sala, sentiu-se reconfortado quando inspirou o perfume exalado na atmosfera da sala.

Levantando-se da cadeira, o morgado cumprimentou o amigo.

– Olha, antes de mais nada, agradeço muito aquela cesta de gaiados que mandaste lá para casa. Não eram precisos tantos. Mas obrigado!

– Não tem de quê...

- E como está o Comandante mais bravo dos Sete Mares? - Atirou provocatoriamente e com um sorriso amigável.

- Aqui, o Comandante dos Sete Mares vai muito bem! - E V. Senhoria, morgado de Machico? Teixeira percebeu a agilidade mental do interlocutor. - Subtil, intuiu. Estava habituado a ler nas entrelinhas. De resto não precisava de provas. Conhecia muito bem o António, desde os tempos de escola. Foram colegas, embora com dois ou três anos de diferença. Eram amigos de mergulhos e provas de natação entre o Cais e o Cais do Anado, pontos de referência entre os dois lados da Baía de Machico. Não eram de perder nem a feijões. Ambos eram homens de sucesso. Ele era descendente dos morgados e tinha o título a defender e a herança do morgadio para gerir. E não era pouco. António tinha herdado o barco de pesca do pai e não só o rentabilizou como construiu e se tornou arrais de outro maior e de uma companhia de pesca. O morgado baixou a guarda.

Nem imaginas as dores de cabeça que isto me dá. Senta-te, senta-te, indicando a cadeira à frente da secretária de trabalho.

- Obrigado, meu amigo, respondeu o homem do mar, subitamente interrompido pela campainha do telefone preto em cima da secretária. -Estou sim? Ah, o Senhor Governador... Deseja falar-me? Com certeza, Excelência! Será dado o despacho assim que o documento aqui chegar. Fique descansado. Senhor Governador, a propósito, decerto terá recebido a minha carta... Pois, pois... Assim será. Com certeza. Então cumprimentos a V. Excelência. Cumprimento à sua senhora, digníssima esposa... Com sua licença, Excelência...

- Nem sei para que me fui meter nesta encrenca, sentando-se, pesadamente, no cadeirão do Gabinete. - Aqui para nós que ninguém nos ouve, vê lá que até o Governador-Geral vem aqui para Machico dar ordens ... Eu quero, eu posso, diz-me ele! Mas enfim, são contas de outro rosário. - E então o que te traz até esta casa, perguntou? Astutamente, sabia interpretar os sinais e a linguagem corporal. Por intuição, nada lhe escapava.

-Vejo-te com ar preocupado... eu bem sei que Deus Nosso Senhor, na Sua infinita Justiça, fez crescer os castanheiros, mas distribuiu a uns as castanhas e a outros os ouriços....disse gracejando. E procurou medir a reação do arrais.

Sentado desconfortavelmente na cadeira de fundo de madeira, voltou-se e disse também a gracejar, que desta vez só chegaram mesmo os ouriços à minha porta, replicou pesadamente...

- Oh diabo!... Então o que te aflige assim tanto, inquiriu já perscrutador.

- O meu amigo, disse o Arrais António - tem os seus filhos no Brasil, não é?

- Sim, mas sem perceber a direcção da pergunta...

- Preciso que me ajude, disse com o rosto angustiado. Tenho uma rapariga amiga para ir para o Brasil.

- Mais uma! Respondeu, ainda sem alcançar o objectivo do pedido. Nos últimos tempos, constatou o Morgado, todos querem ir para o Brasil, sobretudo os moçoilos que tentam tudo por tudo para fugir ao Ultramar...

- Pois, mas este é um caso especial, rematou. E inclinando a cabeça, deitou o olhar para a porta, certificando-se de que a conversa seria mesmo privada.

- É mesmo um caso muito especial.

- Oooh homem, então o que me contas? – Alvitrou o Morgado que se levantou da secretária, e contornado o arrais, pelas costas, fechou a porta, com algum ruído até, assegurando o seu interlocutor de que podia confiar no segredo da conversa entre ambos. E sem mais demoras, e apercebendo-se da delicadeza da situação, perguntou, olhos nos olhos:

- O que se passa?

- Vou ter um filho! - Vais ter um filho? Como é que vais ter um filho? Mas... A tua mulher ainda pode ter filhos? - Bem, bem! Muito me contas! Portugal tem, de facto, falta de soldados para a Guerra. Parabéns! Muitos Parabéns!

- Teixeira, não estás a perceber ... acrescentou, com uma pontinha de irritação. Eu vou ter um filho de outra mulher...

- Oh meu Deus! Exclamou Teixeira dando um salto na cadeira e comentando, sem qualquer pudor - afinal o zum-zum das beatas sempre era verdadeiro... o que tu foste arranjar?!

- O que é que podes fazer por mim? Teixeira, que olhava pela janela, pôs-se a andar de um lado para outro, e como homem prático, perguntou: Quanto tempo já tem de gravidez? - Uns três ou quatro meses, atalhou António...

- Pois... É preciso fazer alguma coisa, disse o morgado, tomando em mãos o caso. Um escândalo nesta fase da tua vida não vinha nada a calhar, não é? Ia rebentar a minha vida toda. A minha mulher não ia aguentar uma vergonha destas e para dizer a verdade, até já anda desconfiada... As bilhardeiras já vão falando...

- Agora não há lugar para lamentações. O que está feito, feito está. Escuta lá bem o que te vou dizer. Nem de propósito. Eu tenho um negócio que é capaz de vir a calhar... Mesmo a jeito... Um fato à tua medida...

Como sabes, os ingleses estão a pagar pouco pelo vinho no Funchal e, no entanto, estão a levar cada vez mais carregamentos para a Inglaterra, para a França, para a Rússia e para a América... Eu tenho andado a fazer umas contas e já percebi que tenho de me meter por

minha conta ao mar, caso contrário não sairei da cepa torta ... esta coisa de deixar os outros comandar a nossa vida tem de acabar. O vinho é nosso, não é? Então cabe-nos a nós vendê-lo e tirar os lucros....

E, de repente, olhando para António e notando a perplexidade do arrais, acrescentou:

-Não estás a perceber nada, não é António? Bem... Resumindo! Fiz um contrato com o meu primo das costas de baixo, do Estreito de Câmara de Lobos, onde ele tem muito vinho e do bom, claro está. A partir de agora vou vender directamente o vinho por esse mundo fora ...

- Eu apanho peixe ... o que tenho a ver com isso tudo? – Replicou António, julgando que o amigo jamais o poderia ajudar. Apercebendo-se da aflição do arrais, o Morgado, de novo de pé e aproximando-se, acrescentou: Tu caíste-me que nem ginjas! Serás o meu homem de confiança. A coisa já estava apalavrada, mas agora sim posso seguir em frente. Será fretado um navio a uma companhia internacional e tu ficarás às ordens do comandante, obviamente. O teu papel é assegurar que o vinho é carregado aqui e descarregado no destino. Fazemos um acordo com o Contra-Mestre, digamos, dez por cento dos lucros mais o quinhão do barco... Ele é um rapaz novo e, portanto, vai aceitar o desafio. Ganharemos todos o nosso quinhão!

António não dizia palavra e sem poder sustentar mais a respiração, apenas perguntou:

- E então a rapariga? - A rapariga, António? Ela vai apanhar um navio que sairá do Funchal para o Brasil daqui a duas semanas e o meu filho se encarregará de a levar para a Fazenda que temos no interior de São Paulo. Entretanto, tu no regresso da viagem, rumas ao Brasil e, com sorte, ainda assistes ao nascimento da criança. Que me dizes, homem? Vais ser o próximo povoador do Brasil e dar início a uma nova linhagem... hein Capitão!?

III

Quem ao longe vai casar...

Um rumor indomável percorreu toda a vila quando se ouviu dizer que o arrais António ia deixar o barco nas mãos do contra-mestre, José João para fazer uma viagem.

- O quê? Ele vai abandonar a pesca? O barco? Os homens? O arrais 'ta louco... comentava-se em todo o lado. Ao domingo de manhã, a Banda de Além ganhava ritmo e animação. O descanso oferecia a oportunidade de juntar os homens em conversas soltas. Os pescadores chegavam primeiro, ainda mal não tinha aberto o dia, seguidos dos pedreiros, serventes e agricultores. Estes, antes que o sol despontasse no horizonte, já tinham ido ao palheiro e ao curral, ordenhar as vacas e as cabras. Até os motoristas e os bilheteiros dos autocarros, que começavam a carreira mais tarde, se juntavam ao convívio. Outros, e aproveitando a ida à

missa, iam também à venda fazer compras. Arroz e massa, azeite e óleo. Um litro de petróleo para acender a cozinheira e o candeeiro da noite. No fundo do cesto, uma garrafa de rum de cana sacarina do engenho do Porto da Cruz e um frasquinho de quarto de litro de mel de cana do engenho. A mistura de ambos dava para remédio contra o frio e contra a gripe das manhãs invernosas. Também dava para receber os amigos e as famílias quando vinham fazer visitas de final de tarde dedilhando uma viola de arame.

Na tasca do cambado falava-se mais do futebol, da Associação Desportiva e do Belenenses. Não é que não se falasse de outros assuntos, mas o negócio, de porta para a movimentada estrada, era propício ao entusiasmo masculino pelo jogo da bola. Foi por ali, nessas conversas domingueiras, que se ficou a saber que o arrais ia a Inglaterra levar um carregamento de vinho Madeira e ia depois à América e ao Brasil, com outras mercadorias... no entanto, o maior burburinho era a partida do Cabeça e da irmã, Maria Carolina. Sem se perceber o que estava a acontecer e enquanto uns diziam que o arrais estava cheio de dívidas, outros, porém, comentavam que os irmãos iam trabalhar para uma fazenda que os filhos do Morgado tinham lá nas terras de Vera Cruz. Alguns, não poucos, pressentiam que havia algo de estranho no ar... Sem casar, filha minha não sai da porta, diziam as mulheres, mães sempre cautelosas e seguidoras da moral e dos bons costumes. Cada um faz o que bem quer, respondiam os mais modernos, não querendo estar a falar da vida alheia. Bilhardices do povo, apontavam outros. Uma rapariga sozinha, que nunca quis casar na sua terra, depois de tantos rapazes terem batido à porta, a pedir a sua mão em casamento, lamentou-se o Carlinhos, que era bom rapaz mas, não tinha tido sorte com a noiva.

Encostado à porta, um velhote de chapéu de feltro preto na cabeça, o João da espinha, era pescador há mais de cinquenta anos e escalava gaiados no calhau de Machico. Imóvel, continuava entretido a retirar das unhas, com a ponta de um pequeno canivete, vestígios de salmoura da última salga de peixe. Até ali estivera a escutar a conversa sem intervir. Mas, entediado, sentenciou: – Quem ao longe vai casar, tendo por perto com quem, ou vai se enganar ou vai enganar alguém... Todos ouviram aquela voz rouca e fraquejante.

Ninguém ripostou.

Em menos de um mês os irmãos estavam preparados para embarcar. Foi a demora de tirar retratos e mandar fazer os passaportes. Fotografias de passaporte, foi o que pediram ao Sr. Joaquim, o fotógrafo da vila, que as revelou com urgência, da manhã para a tarde. Dois e quinhentos, cada quatro retratos. Cinco escudos, no total, só para fotografias...

A viagem começava a cobrar! No dia seguinte foram no autocarro das seis e meia da manhã, para chegar ao Funchal antes das nove, a tempo e horas de serem os primeiros a fazer o

documento de identificação na Junta. Tinham já as cartas de chamada assinadas pelo filho do Morgado, assegurando-lhes trabalho, salário e local de residência.

Tinha sido difícil obter a licença para o Cabeça. A pátria exigia deles o mais nobre esforço e Salazar precisava dos rapazes na linha da frente, aptos e obedientes. Muito poucos souberam quantos telefonemas tiveram de ser feitos para o Funchal, para o Diretor-Geral, para o Governador-Geral e até para Lisboa... e em menos de nada até a PIDE estava a fazer perguntas. A situação só ficou resolvida depois de uma carta a explicar que o rapaz tinha experiência das artes da pesca e que se ia juntar à nova companhia de pesca, ensinando as técnicas usadas aqui aos nossos pescadores no Rio de Janeiro. O assunto ficou resolvido com um Visto de Trabalho Especializado não-renovável. Ao final de seis meses, teria de regressar a Portugal, à Madeira.

- Ele esteve em vias de não obter os documentos, explicou o morgado. Este rapaz custou a módica quantia de dez contos de Reis... a descontar na tua conta, meu amigo!

- O que importa é que está resolvido, meu caro, respondeu, aliviado, o homem do mar.

IV

A viagem

Naquele dia pela manhã, bem cedinho, ainda o sol não raiava e já era grande a azáfama no cais da Pontinha. Carros, furgonetas e táxis deixavam pessoas, malas e grandes caixas de madeira endereçadas ao Brasil, à Venezuela ou à América. O embarque era só ao meio-dia, mas já toda a gente andava de um lado para o outro, trocando despedidas, apertos de mão e abraços. Havia também juras de amor. Lencinhos brancos, bordados com as iniciais dentro de dois corações inter cruzados pela lança do Cupido, tanto acenavam como serviam para secar uma lágrima fortuita. Os olhos iam inchando à medida que o tempo de zarpar se aproximava. Na amurada do navio, já alguns acenavam e, em vão, tentavam encetar uma conversa de jeito. Os de baixo não arredavam pé enquanto os de cima não zarpassem.

– *O quê, hã, cum 'a é, deiz outra vez, na 'tremei, nã s'ouve nada aqui 'm baixo.* De cima para baixo e do cais para a amurada, os acenos de braços sucediam. E por todo o lado ainda se escutavam lembranças e recomendações para escrever dando boas novas.

Já perto das onze horas, da chaminé do Navio Santa Maria, um tubo negro deixava sair fumo e um estridente assobio de sereia chamava os últimos passageiros.

- Mana, nunca mais te vamos ver, não é? - Soluçava o pequeno João.

A Maria, do meio, a que dormia entre as duas outras irmãs, já mais crescadinha, fazia as perguntas difíceis. - Mas porque é que tu vais para tão longe? E agora quem é que vai brincar comigo às bonecas? Maria Carolina amparava as mãos nos ombros da pequenita. A todo o momento fazia um esforço tremendo para que as lágrimas não começassem a correr desalmadamente face abaixo. Sabia que se deixasse escapar uma lágrima, não as conseguiria controlar...

- Mana ... disse a mais pequenita a soluçar num desesperado último repto. Se tu ficares eu prometo que te dou a minha boneca mais bonita. E tirando do saco de pano, que trazia a tiracolo, a boneca rechonchuda, de cabelo louro e olhos azuis, ofereceu-a.

- Toma, é para ti! Esta é a minha preferida! Nunca te esqueças de nós, implorou, antevendo a distância, que doravante as separaria. Na sua cabeça, sabia que longe era muito mais do que até à lua. E a lua estava sempre ali, mesmo por cima da casa, mesmo que a visse sempre fugir para o Funchal, que era onde a tia lhe disse que morava aquela bola de luz que acendia todas as noites. Ela podia vê-la a partir de casa! E foi assim que ficaram as duas irmãs abraçadas, sustendo a respiração mas sem evitar a torrente de lágrimas.

- Meu filho, Deus te abençoe! Vai com Deus!

- Adeus mãe, adeus pai, adeus manos. Adeus tios e primos. Adeus a todos!

- Adeus filha! Deus te guarde! Aos dois! - Emendou o pai! Adeus sobrinha! Adeus prima!

Aqui e ali, um soluço denunciava já a saudade que ficava para trás. Casais jovens. Rapazes imberbes, contornando a chamada do exército, - que viria, mais dia, menos dia para a Guerra nas colónias lusas. Mulheres e crianças que iam ao encontro do marido e do pai. Irmãos que iam ao encontro de irmãos mais velhos. Sobrinhos, afilhados e conhecidos que deixavam tudo para perseguir um sonho. O sonho do novo Mundo. O sonho de ter trabalho, uma casa decente, pão e comida na mesa. O mar que alimentava as gentes que cresciam no calhau, entre pedras e aduelas de barcos, entre dias de peixe farto e outros de mãos vazias, era, agora, o mar que os levava para longe de casa, logrando alcançar uma vida melhor e o realizar de um sonho, acessível a poucos.

Na amurada do navio, Maria Carolina e o irmão viram a Madeira, estreitando-se e perdendo a nitidez. Carolina, num pequeno rasgo de consciência, ainda pensou e disse-o em volta alta.

- Este é mesmo o tamanho da Madeira! Não passa, afinal, de uma pequena ilha. Se calhar é mesmo só um rochedo... E desassombradamente tirou uma conclusão. - Sabes mano, tinha mesmo de partir! E para ti será uma nova esperança. Um dia regressas com um navio maior do que qualquer um em que tenhas andado. Nem ela nem ele conseguiram olhar-se nos olhos.

De frente para a Madeira as juras de um futuro radioso eram seladas com o sal das lágrimas que teimavam em correr pela face. O vento de Sul, que lhes fustigava a face, lembrava-lhes que o preço seria elevado. Depois, a neblina foi tomando conta da paisagem e o mar fez-se um lençol de seda. Ao pôr-do-sol, sentia-me em êxtase. Nunca vira nada semelhante na minha via. Era prata sobre ouro. Tão grandioso e magnífico! E como me fazia pensar no meu destino, no percurso que me levava de Machico ao Brasil...

Durante a viagem tive tempo de pegar num dos livros que trouxe. “Vida e obra de Francisco Álvares de Nóbrega”. Não deixo de pensar no triste destino que este *machiqueiro* sofreu. Ainda não percebi se ele veio a este mundo para sofrer ou se para ser “Camões pequeno” depois de morto. Este soneto dedicado “À Pátria do autor” diz tudo... *Na fralda de dois íngremes rochedos... É como me sinto... entre dois mundos... a Madeira e o Brasil.*

Ao fim dos dias de viagem, que teimavam em não ter fim, avistaram uma mancha escura que aos poucos foi ganhando contornos. Casas, prédios, árvores, carros e pessoas. Depois do silêncio que o mar e a distância impunham, vieram os sons. Difusos, primeiramente, mas cheios de vida logo que nos fomos aproximando do cais de atracagem do navio.

O Rio de Janeiro ofereceu-se-lhes imponente. Que imensidão. Os dois, perplexos, calados e de olhos postos na baía miravam, em êxtase, os braços abertos da cidade maravilhosa. E enquanto se preparava para descer a rampa de desembarque, o bebé moveu-se fazendo Carolina soltar um pequeno gemido. Quase Imperceptível e instintivamente, passou a mão pela barriga. O coração bateu intensamente e, baixinho, falou ao filho que daqui em diante o Brasil será a terra da minha descendência...

O irmão olhou-a, fraterno e cúmplice.

-Sejam muito bem-vindos ao Brasil, foram as primeiras palavras que escutaram assim que colocaram os pés em terra! Em nome do Dr. Luís António de Menezes e Teixeira Vasconcellos sejam bem-vindos, pronunciou o motorista! Tenho ordens para vos acolher e levar para a Fazenda do Vale. Caso necessitem de alguma coisa e só falar...A viagem de carro para a Fazenda do Vale durou mais de duas horas. Foi assim a primeira experiência na sua nova pátria. Estradas a perder de vista e a cidade que nunca acaba. Uma dimensão que os manos não podiam imaginar. Carolina sentiu-se agradecida. O morgado Vasconcellos prometeu que tudo ia correr bem. O filho está a cumprir!

Chegamos à Fazenda do Vale a meio da tarde. Havia muitos criados de um lado para o outro. A maioria é negra. A casa do morgado é enorme, com dois andares. O primeiro piso tem uma grande entrada que dá para um salão onde recebe as visitas. O segundo piso tem seis janelas,

pintadas de azul e uma grande varanda. E tem umas águas furtadas. À volta da casa há jardins e palmeiras muito altas. E há também um lago com uma fonte. Foi no salão da casa, com enormes lustres, tapetes maravilhosos e mobília de reis que conhecemos os donos.

-Seja bem-vinda a esta casa, Maria Carolina! Eu sou o Luís e esta é a minha mulher, Antonella! Decerto se recordará de mim. Ainda era uma *minina* quando eu saí da Madeira, há vários anos.

- Lembro-me de si... Eu era uma miúda... e o Luís já era um rapaz.

Uma mulher africana, cujo turbante garrido chamou logo a atenção dos irmãos, trouxe uma travessa com sumos e água. Muito bom, obrigada. Que sabor é este, perguntou a Carolina. Luís mostrou-se satisfeito por agradar, mostrando algo novo e explicou que era água de coco com ananás...

Vamos ter tempo de conversar. Esta aqui é a Juliana e ela vai ajudar-vos a se instalarem nos vossos quartos. Por enquanto vão ficar na casa do Caseiro. Logo vão jantar connosco e poderemos conversar sobre a viagem. Agora vão com Juliana – rematou Antonella, a esposa.

V

Cartas do Brasil, a Terra dos Esquecidos

Durante mais de uma década, Maria Carolina escreveu mensalmente a António. Falou-lhe da chegada à Fazenda do Vale, da simpatia dos filhos do morgado Teixeira, do calor sufocante e das frutas que davam duas vezes ao ano e do trabalho incessante dos trabalhadores que mantinham a roça de pé. Falou-lhe do gosto do côco e até das danças dos africanos que à noite, à volta de um fogueira, e depois de um dia árduo de trabalho, ainda tinham forças para se divertir e celebrar a vida.

Escreveu a contar do nascimento do filho. Batizou-o de António Luís, o primeiro nome, o dele e Luís, o do padrinho, o filho do Morgado que a recebera a ela e ao irmão como família. Descreveu o parto, as dores imensas, o medo que sentiu, logo, logo suplantado pela alegria de sentir o bebé no seu regaço, chorão mas pronto a mamar. Deu-lhe conta das primeiras palavras, do jeito de andar, dos cabelos e olhos iguais aos dele, do apetite voraz e das traquinices próprias da idade. Adorava cavalos. Passava horas e horas em cima deles ou cuidando deles. Nunca vira o mar, porém. Ali, à volta só havia mato denso a perder de vista e animais ferozes, dizia-se. Contou-lhe ainda que o seu adorado irmão havia fugido com uma mulata, de quem já tinha um filho e outro a caminho. Acontecia muitas vezes, tinham-lhe explicado.

E contou-lhe, sobretudo, da saudade. Uma dor que se carrega para todo o sempre quando se parte e se deixa os entes queridos para trás. Chorou e escreveu linhas e linhas, dando conta do seu sofrimento, do seu penar e do quanto o queria ao seu lado, nunca deixando de sonhar que, um dia, poderiam viver como uma família, ela, ele e o António Luís. Que viesse. Havia trabalho bastante e aquela terra era mesmo abençoada. Dava para todos.

Apesar de nunca ter recebido resposta do seu amado António, Maria Carolina manteve acesa a sua correspondência, talvez o único alimento para a sua solidão. Sempre que se sentava à secretária para dirigir algumas palavras a António, acendia-se uma renovada esperança e dia após dia, acreditava que o sonho se tornaria realidade. Já não rezava a Nossa Senhora de Fátima e nem sequer ao Senhor dos Milagres. Agora, a sua protectora era Nossa Senhora da Aparecida e todos os dias lhe pedia a graça que lhe fizesse aparecer o seu muito estimado António.

Com o passar do tempo, os filhos de Luís e Antonella, rapazes educados e formados nas universidades brasileiras, deixaram de se interessar pela Fazenda. Eram, agora, homens letrados com outros interesses e já com famílias construídas na capital. No seguimento da morte dos progenitores e vencida a disputa entre irmãos, a propriedade foi vendida, ficando para trás uma infância e uma adolescência passada por entre a terra e os animais. O filho de Carolina ali permaneceu cuidando da casa como sua e velando pelos interesses da família do Morgado.

Coube a António Luís acompanhar o novo proprietário à Fazenda. Era Maio. Um Maio escaldante como tantos outros. A casa-mãe, imponente, permanecia intacta e soberba, como que ajustando contas com o tempo e com os sonhos perdidos. Ao redor, mato e árvores cresciam aleatoriamente, mal se distinguindo o chão arável da terra inculta. O silêncio e o vazio dominavam um espaço onde antes era muito barulho e linguajares estranhos.

Sem grandes demoras, António Luís abriu a porta principal da residência, convidando os novos proprietários a entrar. As mobílias, cobertas com lençóis e cobertores jaziam mudas e à medida que vagueavam pela casa, ouvia-se apenas o estalar da madeira como que uma espécie de reclamação pelos anos de abandono e solidão.

Ao entrar no escritório, António Luís, encantou-se com as estantes onde, ordenadamente, os livros se ofereciam a quem por ali estivesse. Passou o dedo por algumas lombadas, e satisfeito, deu conta que teria material com que se entreter. De repente, e ao abrir uma das gavetas da secretária, vê um maço de envelopes, atados com um barbante e já amarelecidos. Não se contendo, desatou-os e abrindo um dos sobrescritos, leu, em voz baixa:

“Meu querido e sempre lembrado A.

Espero que ao receberes estas minhas simples letrinhas te possas encontrar de boa saúde e na Graça de Deus Nosso Senhor. Quanto a mim, estou bem. Passei uma excelente viagem e agora já estou instalada na Fazenda do Vale conforme tínhamos conversado. Vivo na Casa do Caseiro, juntamente com o casal mais antigo da Fazenda. Ao mesmo tempo vou aprendendo como se gere uma casa tão grande e com tantos criados. Acho que são uns vinte ou trinta, a maioria a residir aqui, dentro da fazenda, ou do Sítio como eles dizem. Tratam-me por “porrrtuguesa”, sempre com muitos “rrrrr” pelo meio. Também por “minina” com i. E é tao divertido!

....

Eram várias dezenas de cartas endereçadas a um tal “A.” e assinadas por Maria Carolina. Não havia, porém, nenhuma carta de “A.” Pelas linhas escritas por Maria Carolina, apercebeu-se que ali estava uma linda história de amor, da qual tinha havido um fruto, mas que não tinha tido um final feliz.

Fascinado pelo tesouro que lhe veio parar às mãos, Luís António, perseguido pelas apaixonantes cartas de Maria Carolina para A., não descansou enquanto não as leu. E eram muitas. Rapidamente percebeu que eram as cartas da sua mãe para o seu pai. Ficou em dúvida se devia ler algo tão privado, mas achou que a mãe não se fosse importar uma vez que até já tinha uma família e era agora casada com um barão do café.

Foi por aquelas cartas que ficou a conhecer toda a história da sua vida. E muito do que ali estava nunca ouvira falar. Pouco sabia dos seus familiares da Madeira. E Machico era, afinal, uma terra maravilhosa, que queria agora muito visitar e conhecer.

Sentado na cadeira que era do seu padrinho, Luís António, pensou em como teria sido possível que as cartas nunca tenham chegado ao destinatário. Porquê? O que levou o padrinho a não enviar as cartas? Como foi possível uma coisa destas? O meu pai nunca recebeu as cartas da minha mãe e a minha mãe nunca recebeu notícias do meu pai. Sentiu uma grande emoção. E deixou que as lágrimas corressem sem se conterem. Nem sabia porque estava a chorar, porque afinal o seu verdadeiro pai fora sempre o padrinho... Finalmente percebeu. Ele nunca veio me visitar....

Por isso que nunca conheci o meu verdadeiro pai.